

## PANARÁ, CAYAPÓ DO SUL E A FAMÍLIA JÊ: PRIMEIRO CAMINHO DE ANÁLISE

Eduardo Alves Vasconcelos  
Doutorando em Linguística, Unicamp  
Campinas-SP.  
Brasil  
dudualves@gmail.com

### Resumen.

Los análisis comparativos existentes entre los registros de las lenguas Cayapó do Sul y Panará fueron hechos por Heelas (1979), Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1993), Giralдин (1997, 2000) y Dourado (2004), con el objetivo de evaluar la hipótesis levantada por Heelas (1979) de que los Cayapó do Sul (pueblo indígena brasileño que mantuvo contacto intermitente y conflictivo con los frentes de colonización del Brasil Central en los siglos XVIII y XIX, y considerado extinto a inicios del siglo XX) son antepasados de los Panará (pueblo indígena contactado en la década de 1960, en el norte de Mato Grosso-Brasil). Como factor común, estas comparaciones no son sistemáticas con relación a los ítems Cayapó do Sul y presentan juzgamientos a priori de su semejanza con los ítem Panará, teniendo como consecuencia la ausencia de comparaciones con datos de otras lenguas de la misma familia (Jê) y responsabilizando a la calidad de los registros Cayapó do Sul las discrepancias encontradas. En este estudio, se presentan los primeros resultados de un análisis comparativo de los datos del Cayapó do Sul con el propio Panará, pero también, con otras lenguas de la familia Jê.

**Palabras-clave:** Cayapó do Sul, Panará, lenguas Jê, lenguas indígenas brasileñas, análisis comparativo.

### Abstract.

The existing comparative analysis of southern Cayapó lan-

guage records and those of Cayapó Panará, performed by Heelas (1979), Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1993), Giralдин (1997, 2000) and Dourado (2004), in order to evaluate the hypothesis raised by Heelas (1979) that southern Cayapó (indigenous people who kept intermittent contact and conflict with the fronts of colonization of central Brazil, during the eighteenth and nineteenth centuries, and considered extinct in the early twentieth century) are the ancestors of Panará (indigenous people contacted in the 1960s in northern Mato Grosso, Brazil). Both comparisons do not address systematically southern Cayapó items, that judge a priori some resemblance to the records of Panará, which creates a lack of comparisons with other Ge family languages, blaming the discrepancies of the records of southern Cayapó found. We present the first results of a comparative analysis of southern Cayapó and Panará, also comparing to other Ge family languages.

Keywords: Southern Panará Cayapó, Ge languages, Brazilian indigenous languages, comparative analysis.

### **Os registros Cayapó do Sul**

Sobre a língua que foi falada pelos Cayapó do Sul, povo indígena brasileiro dado como extinto nas primeiras décadas do século XX, há somente sete listas de palavras anotadas entre o final do século XVIII e início do século XX. Três delas foram registradas com os Cayapó do Sul aldeados próximos à Vila Boa, antiga capital de Goiás; outras três nas aldeias próximas à vila de Sant'Anna do Paranaíba, hoje município sul mato-grossense de Paranaíba; e a última em uma aldeia no Triângulo Mineiro. A mais antiga, e possivelmente aquela que foi anotada com menos acuidade, é um Registro de Batismo de 1782 de Vila Boa, no qual constam 60 nomes próprios registrados provavelmente pelo Vigário João Antunes de Noronha, em ortografia portuguesa vigente. Em São José de Mossâmedes, foram coletadas duas listas, no ano de 1819, pelos viajantes naturalistas Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire. Pohl, austríaco, anotou 64 palavras em ortografia alemã, com acréscimos dos diacríticos agudo e circunflexo, e foi publicada pela primeira vez em 1832, em

um apêndice à Parte 1 do seu diário de viagem. Saint-Hilaire, francês, visitou o aldeamento Cayapó do Sul alguns meses após a visita de Pohl, anotou 52 palavras, em ortografia portuguesa, e sua lista foi publicada em 1848<sup>1</sup>. Em Paranaíba, Kupfer, médico alemão, anotou uma lista, em 1850, com 79 itens, em ortografia alemã, publicada no ano de 1870 na *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*. Entre o mesmo grupo o Capitão do Exército brasileiro, Joaquim Lemos da Silva, anotou cerca de 80 palavras e meia dúzia de frases. A terceira lista desta região também foi coletada por um alemão, o boticário Nehring, que enviou sua lista, com 39 itens, para Paul Ehrenreich, que a publicou na *Zeitschrift für Ethnologie*. O último registro conhecido é o vocabulário coligido por Alexandre de Souza Barbosa, no Triângulo Mineiro, em 1911, e enviada ao Instituto Histórico Brasileiro (IHGB), em 1918. Esta lista tem aproximadamente 700 palavras e duas dezenas de frases, em ortografia de língua portuguesa<sup>2</sup>.

A partir da análise destes registros<sup>3</sup> é possível depreender ao menos duas variedades de Cayapó do Sul: a setentrional, representada pelos registros da região de Vila Boa (Goiás), e outra, meridional, que corresponde aos registros de Paranaíba (MS) e Triângulo Mineiro. Duas características indicariam essa distinção: (i) impossibilidade de reduzir os segmentos fricativos e africados das listas de Vila Boa a um único fonema, tal como ocorre nas demais listas, ou seja, para esta variedade teríamos  $\text{ts}$  e  $\text{ʃ}$ , enquanto nos demais há somente  $\text{ʃ}$  ou somente  $\text{s}$ ; e (ii) os itens para ‘cabeça’ *icrian* e ‘mão’ *chicria*, que se aproxima mais dos termos encontrados em Apãniekrá (Alves, 2004), *krã* e *-ũkrã*, do que das demais listas Cayapó do Sul, *kián* e

<sup>1</sup> Na Coleção de Obras Raras da Biblioteca Central César Lattes, Unicamp (Brasil), foi possível consultar a primeira edição dos diários destes naturalistas.

<sup>2</sup> Tanto o vocabulário de Barbosa (1918) e a lista de Lemos da Silva (1882) fazem parte do acervo do Arquivo do IHGB e só se tornaram conhecidas para o meio científico na década de 1990 por conta da pesquisa de Odair Giraldiv.

<sup>3</sup> Desde 2009 desenvolvo a análise dos registros Cayapó do Sul, em que, em um primeiro momento, foi focado na análise grafemática de cada lista, seguido de hipóteses para o seu sistema fonológico (cf. Vasconcelos, 2012).

cykiá (Barbosa, 1918). Aparentemente, o que constitui um encontro consonantal kr na variedade setentrional, corresponde a um encontro consonantal kj na variedade meridional.

Considerando as especificidades de cada registro, propõe-se aqui que o sistema fonológico do Cayapó do Sul mantenha, para as vogais, uma oposição entre orais e nasais. Tal oposição pode ser evidenciada em itens como: kin ‘cabelo’ x kir ‘frio’; ikén ‘moela’ x iké ‘couro’; pan ‘pequeno’ x ipá ‘braço’; ikón ‘joelho’ x ikô ‘macaco’; ti-kún ‘ele-quebrar’ x tikú ‘ele-mastigar’ (itens de Barbosa, 1918). As demais oposições são entre altas x baixas, anteriores x posteriores e arredondas x não-arredondas, nas orais, formando um sistema triangular de três classes, enquanto para as nasais, um sistema de quadrangular de duas classes: anteriores /i, e, ã, õ/, posteriores arredondadas /u, o, ù, õ/, posteriores não-arredondadas /ɨ, ə, ɛ/ e a vogal baixa /a, ã/. As ocorrências de [ɕ] e [ɔ], identificadas na lista de Barbosa (1918) pelo uso do diacrítico agudo, não são consideradas fonemas da língua, pois não estariam distinguindo significado, como podemos observar em itens como: câkrê ‘focinho’ ~ câkré ‘nariz’; tépán ‘lambari’ ~ tepinán ‘jáú amarelo’; ti-nápré ~ ti-nâpré ‘bater’; inkô ~ inkó ‘água’; ankiô ‘quente’ ~ ankió-kuká ‘areia quente’.

Já para as consoantes, a hipótese atual considera que a oposição mais relevante se dá entre obstruintes e soantes. As obstruintes representadas por /p, t, s, k/ e as soantes por /w, ɾ, j, m̃p, ñt, ɲ̃s, ŋk/. Nesta proposta, consoantes subjacentes pré-nasais se realizam, superficialmente, como nasais plenas quando o núcleo silábico é uma vogal nasal, tal processo teria como domínio a sílaba, ou seja, o núcleo vocálico afetaria tanto o ataque silábico quanto a coda, no entanto, com resultados diferentes para a coda. Para esta última, a variação seria entre realizações completamente orais e desoantizadas, quando o núcleo é uma vogal oral, e nasais plenas, quando a vogal for nasal. A interpretação dada aos itens a seguir ilustra a hipótese aqui apresentada, os itens da coluna à direita são aqueles em que a realização de superfície é uma nasal plena (itens do vocabulário de Barbosa, 1918):

/m̄pa/	<i>impá</i>	‘ventre, estômago’	/m̄pahã/	<i>mabán</i>	‘ema’ <sup>4</sup>
/to'mp̄e/	<i>tõmpé</i>	‘bonito’	/ntã'pia/	<i>napía</i>	‘onça’
/n̄tã/	<i>intá</i>	‘chuva’	/pan̄tã'ta/	<i>panatá</i>	‘fatinha’
/n̄tõ/	<i>intó</i>	‘olho’	/ntã'sisi/	<i>nacici</i>	‘gostoso’
/n̄s̄ep̄/	<i>inc̄ep̄</i>	‘morcego’	/i'sãmp̄/	<i>ic̄ame</i>	‘duro’
/ŋk̄o/	<i>uk̄o</i>	‘água’	/a'p̄ẽnt̄/	<i>ap̄ene</i>	‘longe’
/t̄emp̄/	<i>t̄ep̄</i>	‘peixe’	/p̄ãŋk̄/	<i>p̄ãngue</i>	‘calor’ <sup>5</sup>
/ə'sont̄/	<i>ac̄ot̄</i>	‘algodão’			
/poŋk̄/	<i>pók̄</i>	‘canao’			

### Cayapó do Sul e Panará: comparações anteriores

Heelas (1979) levantou a hipótese de que os Cayapó do Sul, povo dado com extinto nas primeiras décadas do séc. XX, são os antepassados dos Panará, povo que entrou em contato com a sociedade brasileira na década de 1960, no norte de Mato Grosso, divisa com o Pará. Heelas (1979) baseou sua hipótese a partir dos relatos de Emmanuel Pohl e Auguste de Saint-Hilaire que, como exposto, estiveram entre os Cayapó do Sul aldeados nas proximidades de Vila Boa (Goiás), em 1819.

As análises comparativas entre os registros do Cayapó do Sul e o Panará foram feitas por Heelas (1979), Schwartzman (1988), Rodrigues & Dourado (1993), Giraldin (1997, 2000) e Dourado (2004). Nas duas primeiras comparações são utilizadas as lista de palavras coligidas por Pohl e Saint-Hilaire. Em sua análise, Heelas (1979:2) aponta: “no total dos 33 termos da lista de palavras de Saint-Hilaire, dezenove termos são cognatos diretos, quatro são aparentes equívocos, três não podem ser traduzidos e sete não têm aparente afixação”.

<sup>4</sup> Não há ainda uma solução conclusiva para as ocorrências de [h], não há itens que justifique a sua inclusão entre o fonema da língua, tal como também não justificativas para a sua exclusão.

<sup>5</sup> Para os três últimos itens, a interpretação dada considera a inserção de uma vogal, cópia do núcleo silábico, processo comum as diversas línguas da família (cf. D'Angelis, 2002; Salanova, 2001).

nidade na língua Panará atual”<sup>6</sup>. Em Schwartzman (1988:282): “35 das 67 [palavras] da lista de Pohl apresentam similaridade notável, enquanto, para Saint-Hilaire essa similaridade é de 27 das 33 palavras, chegando a 62 [cognatos] de 100 ao todo”<sup>7</sup>. Segundo Heelas (1979), foram utilizadas para a comparação as listas de palavras coletadas por Pohl e Saint-Hilaire, porém, tanto Heelas (1979) quanto Schwartzman (1988) vão utilizar, para suas comparações, a versão dessas listas disponível no “Wörtersammlung brasilianischer Sprachen”, compilação feita por Martius (1867) de listas de palavras de línguas indígenas brasileiras, anotadas por diversos naturalistas e missionários que estiveram no Brasil até a segunda metade do século XIX. Nesta compilação, para os Cayapó do Sul, Martius reúne as lista de Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848) tornando-as uma única lista com a seguinte observação: “esta lista provêm de Pohl (*Viagem*) e está transcrita em grafia alemã; outras palavras, as quais identificamos por H, são do *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco II*, de Saint-Hilaire”<sup>8</sup>. No entanto, o que se observa na lista de Martius (1867) é que foram atribuídas a Pohl palavras que são da lista de Saint-Hilaire. A esse mal entendido somam-se outros de Heelas (1979), repetidos por Schwartzman (1988)<sup>9</sup>. Nas duas análises não é apresentado o critério para o estabelecimento dos cognatos, o que deixa a conclusão de Heelas (1979) obscura, pois, diferente de Schwartzman (1988), ele não assinala quais são o itens que ele

<sup>6</sup>Tradução livre de: “In the total word list of thirty three terms given by Saint-Hilaire, nineteen are direct cognates, four are apparent misunderstandings, three cannot be translate and seven have no apparent affinity to the present Panara language”.

<sup>7</sup> Tradução livre de: “There are actually 67 items in Pohl’s list. My re-examination of the lists gives 35 of 67 notably similar words in Pohl’s list, and 27 of 33 in Sanit-Hilaire’s, giving 62 of 100 in all”.

<sup>8</sup> Tradução livre de: “Die liste rührt von Pohl (Reise) her und ist in deutscher Schreibung abgefasst; andere Worte, die wir durch H bezeichnen, sind aus S. Hilaire’s Voyage aux sources du Rio de S. Francisco II” (Martius,1863:134).

<sup>9</sup>Talvez por conta da qualidade do material que Heelas tenha consultado, a palavra latina coelum é anotada como coclum, traduzida para o inglês como intestine; assim na lista de Pohl putkuá ‘coelum’ tem como correspondente no Panará (anotado por Heelas) itu ‘barriga’. O mesmo equívoco é mantido em Schwartzman (1988).

considera “apparent cognates”; e o registro para o Panará não se diferencia, quanto à acuidade na transcrição e coleta, dos registros do Cayapó do Sul de Pohl e Saint-Hilaire e ao comparar os dois registros, poderia se propor semelhanças entre os dois, não mais que isso. Em Schwartzman (1988), o diferencial é cuidado maior com o registro do Panará, tendo como consequência o maior número de cognatos com as listas de Mossâmedes, mas mesmo assim, com consideráveis diferenças. Nestas duas análises, se um termo do Panará tenha em comum ao menos uma sílaba com os de Mossâmedes é assinalado como “presumed cognates”.

A primeira análise comparativa realizada por um linguista entre os registros disponíveis do Cayapó do Sul e o Panará é do início da década de 90 do século XX e coincide com os primeiros estudos linguísticos, realizados por Dourado (1990), sobre os Panará, e com os estudos etno-históricos de Giralдин (1997, 2000) sobre os Cayapó do Sul. O estudo comparativo realizado por Rodrigues e Dourado (1993) é apresentado em forma de resumo expandido e são utilizados itens da lista de Pohl (1832), Saint-Hilaire (1848) e de Barbosa (1918). Apesar da afirmação de que: “a língua Panará de Barbosa, apesar de falada em 1911 no oeste de Minas Gerais, é a mesma dos Panará, que em 1972 viviam no rio Peixoto de Azevedo, a oeste do alto Xingu [...]” (Rodrigues e Dourado, 1993); considerando a quantidade de itens comparados (19) e aleatoriedade destes (poucos fazem parte do que se convencionou como vocabulário básico<sup>10</sup>), o estudo não tem um caráter conclusivo, sugerindo, tal como em comparações anteriores, semelhanças entre os registros do Cayapó do Sul e do Panará. A análise proposta em Dourado (2004) utiliza 18 dos 19 itens da análise de 1993, acrescenta mais dois itens (com um total 20 itens), e apresenta correspondências nas listas de Kupfer

<sup>10</sup> “In general, it is convenient to begin with cognates from ‘basic vocabulary’ (body parts, close kinship terms, low numbers, common geographical term), since these resist borrowing more than other sorts of vocabulary, and for the comparative method we want compare only true cognates, words which are related in the daughter languages by virtue of being inherited from the proto-language.” (Campbell, 2004, p. 126-127).

(1870) e Nehring (1894). Em comum essas duas análises assumem a priori a hipótese de Heelas (1979) como verdadeira e os itens são postos lado a lado, sem uma análise mais aprofundada das semelhanças observada entre os itens correspondentes.

Giraldin (1997, 2000) apresenta um estudo comparativo em que a organização dos termos e maior número destes torna ainda mais evidente a estreita relação entre Cayapó do Sul e Panará. No entanto, ele mantém equívocos quanto à reprodução das listas do Cayapó do Sul<sup>11</sup> e utiliza os termos anotados por Heelas (1979) e Schwartzman (1988) para o Panará. Tal como as comparações anteriores, limita-se a apresentar os termos lado a lado, indicando o grau de semelhança e delegando à qualidade dos registros Cayapó do Sul as discrepâncias encontradas. Contudo, esta análise tem como destaque o uso dos termos de parentesco coletados por Heelas (1979) e Schwartzman (1988), conjunto de termos não encontrado em trabalhos de cunho linguístico.

As características comuns a estas análises são: descuido com a reprodução dos registros do Cayapó do Sul; falta de sistematicidade com os itens dos registros; julgamento a priori de se trata de antigos registros do Panará e, como consequência desta última, ausência de comparações destes registros com outras línguas da família Jê. Com intuito de aprofundar a análise comparativa e testar a hipótese de Heelas (1979), a comparação proposta aqui busca reproduzir adequadamente os registros Cayapó do Sul e também compará-los com registros recentes de línguas família Jê.

<sup>11</sup> Repete o mesmo equívoco de Heelas (1979) e Schwartzman (1988) para as listas de Pohl e Saint-Hilaire. Na lista de Nehring todos os itens marcados pelo diacrítico macro são substituídos por til. Quanto à reprodução da lista de Barbosa, há troca ou ausência de diacríticos em diversos itens.



## Cayapó do Sul e a família Jê

As divergências observáveis entre os termos Cayapó do Sul e Panará não estão restritas à qualidade do registro. Em (18), a seguir, Barbosa (1918) anota *intié* ‘mulher’, Panará (Dourado, 1990) *ĩkiy*, Txukuhamei (Stout & Thomson, 1974) *ni-re*. A correspondência *nt:n* entre Cayapó do Sul e Txukuhamei parece mais regular do que uma entre *ntj:kj*, Cayapó do Sul : Panará (cf. 1, 20, 21, 31). Em (6,10) os itens anotados por Saint-Hilaire (1848) apresentam mais afinidade com o Apãniekrá (Alves, 2004) do que com o Panará (Dourado, 1990); esta característica é interpretada como um indício da diferenciação do grupo aldeado em Mossâmedes (como já apontava Ehrenreich, 1894, e Rodrigues e Dourados, 1993). Outro ponto de diferenciação do grupo de Mossâmedes é o desenvolvimento de dois reflexos da obstruinte palatal \*c (segundo a proposta de Davis, 1966); em Santana e no Triângulo Mineiro o reflexo seria um único fonema: /s/.

Como esperado, o registro Cayapó do Sul tem maior similaridade com os recentes registros do Panará, porém, o estado atual dos registros do Panará obscurece processos que poderiam corroborar ou negar essa proximidade. Para o Cayapó do Sul, a hipótese de uma série soantes pré-nasais, se opondo às obstruintes e excluindo a série nasal, parece dar conta dos fenômenos percebidos no registro. Enquanto, para o Panará, qualquer proposta mais aprofundada de sistema fonológico ainda carece de registros que possam indicar qual a oposição é relevante para o sistema fonológico da língua e quais são os representantes de cada série.

Na lista seguinte, os registros Cayapó do Sul são comparados com os do Panará (Dourado 1990, 2001), bem como, com o registro de duas línguas Jê setentrionais, Apãniekrá (Alves, 2004) e Kayapó-Txukuhamei (Stout & Thomson, 1974), e, ainda, com uma língua Jê central, Xavante (Hall, Mcleod e Mitchel, 1987). Para estas comparações são utilizados os mesmo itens selecionados por Rodrigues & Dourado (1993) e Dourado (2004), com acréscimos de termos de vocabulário básico e alguns verbos. Os registros Cayapó do Sul são

apresentados com a grafia utilizada por cada anotador, neste caso, a fonte é indicada por: (P) Pohl (1832); (SH) Saint-Hilaire (1848); (K) Kupfer (1870); (L) Lemos da Silva (1882); (N) Nehring (1894); e (B) Barbosa (1918). O sinal (-) foi utilizado para sinalizar quando não foi possível encontrar correspondências nos registros consultados.

	Português	Cayapó do Sul	Panará <sup>12</sup>	Apániekrá	Kayapó (Tx)	Xavante
1.	‘olho’	intó, ntó (B)	ĩᵛ	nto <sup>13</sup>	ˀno	-to
2.	‘cabelo’	kin, ikin (B)	ikĩ	-kĩ	-	-zéré
3.	‘dente’	chuíá (SH), pa-chuíá (L), cuá (B)	suá	-	wa	ˀwa
4.	‘nariz’	chacaré (SH), çakré (B)	sakre (1993), /saˀsi/	-	-	-nhisiˀre
5.	‘boca’	chapé (SH), çakuá (B)	/sakoˀa/	-ar.kwa	[ayˀkwa]	-zadawa
6.	‘cabeça’	icrián (SH), kian (B)	kiá ~ ikiá	krã	[krã]	ˀrã
7.	‘perna’	ité (B)	/ite/	-te	[te]	-te
8.	‘pescoço’	impudé (SH), imput (B)	[mpĩtĩ] ~ [mpĩt]	-mput <sup>15</sup>	-mut	-budu
9.	‘orelha’	chiccre (SH), çakré (B)	/siˀkre/	-apak	-	-poˀre
10.	‘mão’	icria (SH), cykiá (B)	tsikia ~ sikia	-ũkrã	-	-nhibˀrada
11.	‘braço’	ipá	ĩpa	-	[pa]	-di, -pẽ
12.	‘coração’	inkokré	-kowkrẽ	-totok	-	-siri
13.	‘pai’	usúm (P), uxum (L), uçum (B)	sũpio	tũ, itũ	bãm <sup>16</sup>	-mãmã
14.	‘mãe’	unisi (P), tia (L), tihã (B)	nãpio	intfe	-nã	-na
15.	‘avó, avó’	tapupia (B)	tãpio	tãj	-	ˀrada
16.	‘criança’	prĩ-ará (B) <sup>17</sup>	prĩ-ara	a?krajre	[krã]	daˀra <sup>18</sup>
17.	‘homem’	impú-ara (B)	ĩpi ~ impi	hũˀmre	mĩ	aibã
18.	‘mulher’	intié (B)	ikiev	kahãj, pije	ni-re	piˀõ
19.	‘velho’	kaputún, taputún	tãputũ	-	[tũmˀ]	ˀrada

<sup>12</sup> Os itens Panará entre barras são retirados de Dourado (1990), os demais, quando não indicados, Dourado (2001).

<sup>13</sup> Alves (2007).

<sup>14</sup> Vasconcelos, Caderno de Campo (Panará), ‘nuca’.

<sup>15</sup> Alves (2007).

<sup>16</sup> Mebengokre (Salanova, 2001).

<sup>17</sup> O termo é ‘menina’, para ‘menino’ é *iprĩra, tẽprĩn, piũntuẽ*. Em Nehring *imprĩm* foi anotado pra filho.

<sup>18</sup> O termo é para filho, filha.

20.	‘chuva’	intá (B)	ĩta	[ˈta]	[na]	tã
21.	‘água’	inkô, nkô (B)	ko ~ ĩko	ko	[ŋo]	[ɔj] <sup>19</sup>
22.	‘terra’	cúpa (SH), kýpa (B)	/ˈkyipa/, ˈkɪpa	pie ‘chão’	[píˈka]	[da-ˈɾa]
23.	‘céu’	putkuá (P), pukuá (B)	/pukuˈa/	koJ.kwa	-	háiwa
24.	‘um’	ipút (B)	/ˈpiti/, ɪpiti	pit[et]	púji	misi
25.	‘dois’	abrendá (B)	piti-ra	piakrut	-	maparene, waparene
26.	‘peixe’	tép (B)	/ˈtɛpi/	tɛp	[tɛp]	[tɛˈbɛ]
27.	‘veado’	impó, mpó (B)	/ĩpɔ/	[pɔ]	[mɔ]	[ˈpa.nɛ]
28.	‘cachorro’	robú (P), jóp (B)	-	rɔp	[ĩrɔp]	wapsã
29.	‘onça’	napiá (B)	yɔwpi	rɔpti	-	hu
30.	‘anta’	icrite (SH), kiút (B)	kyiti	kukrit	[kukrit]	uhadá
31.	‘morcego’	incêp (B)	/naˈsepi/ <sup>20</sup>	tʃɛp.rɛ	ñep	arobore
32.	‘banana’	pakáu (B)	pa.kwa ~ pa.ku.a	pipipre	[tĩr <sup>21</sup> ]	paˈo
33.	‘milho’	muschiu (P), moschi (K), môcy (B)	mõsi	pɔ-hi	[bõw]	nozã
35.	‘amendoim’	çátí (B)	sɔti <sup>21</sup>	-	-	-
36.	‘folha’	póraçô (B)	pɛrasó (1993)	woho	[ʔo]	[su]
37.	‘roça’	pu (B)	pu.u ~ pu	pur	-	[buruˈʔu]
38.	‘mole’	pépét (B)	pepet	-	[ĩɛˈfɛk]	uwa di
39.	‘doce’	cici (B)	sisi (1993), nãsisi <sup>22</sup>	-	dʒaJ <sup>23</sup>	ãze <sup>24</sup>
40.	‘arco’	itsché (P), itse (SH), isché (N)	ise ~ se	kuhe	juˈje	umnhĩ ã
41.	‘ver’	ti-çumpún (B) <sup>25</sup> ‘olhar’	s-ãpũ	pupun	pumũnh	te ˈmadã
42.	‘morder’	ti-nsá	sari, kɛri	tʃar	[kuˈña]	tisa
43.	‘dar’	ti-mosó	sõ-ri	ɲ-õr	ngã	tisõ
44.	‘pegar’	ti-púe	/ˈkua/, piri	pir, pi	bũr	paˈã

<sup>19</sup> Os itens entre colchetes são retirados de Pickering (2010).

<sup>20</sup> Também em Dourado (1990): p. 12, [nãˈnsepe]; p. 13, [nãˈsepe].

<sup>21</sup> Em Schwartzman (1988), sãˈti.

<sup>22</sup> Em Barbosa (1918) naciú ‘gostoso’.

<sup>23</sup> Mebengokre (Salanova, 2001)

<sup>24</sup> ‘água adoçada’

<sup>25</sup> Proposta de segmentação morfológica, em que ti é o clítico de 3ª pessoas e ç [s] o prefixo de 3ª pessoa.

Das línguas utilizadas nesta comparação, Xavante é aquela que apresenta maior distanciamento dos registros Cayapó do Sul. Ao mesmo tempo, os registros Cayapó do Sul estão mais próximos das línguas Jê setentrionais. Caso a hipótese de soantes pré-nasais subjacentes esteja correta, esta série corresponde sistematicamente a obstruintes no Panará e a nasais plenas no Kayapó-Txukuhamei, enquanto no Apãniekrá ora a correspondência é uma pré-nasal, como em (1), ora uma obstruinte, como em (20)<sup>26</sup>. As codas também apresentam convergências entre os registros Cayapó do Sul, Apãniekrá e Txukuhamei, como em (26, 28, 31), e com o Panará em (38), enquanto há divergência com o Panará (24, 26, 30, 31), em que Dourado (1990, 2001) interpreta uma vogal final *i*.

A seguir, são apresentadas as propostas de sistema fonológico para as línguas utilizadas neste estudo. O intuito é ilustrar as convergências e divergências encontradas na comparação item a item, como também observar quais são as oposições que são comuns a essas línguas e quais aquelas que as individualizam. O Xavante, mais uma vez, é o que mais se distancia das demais línguas, enquanto a proposta para o Cayapó do Sul o individualiza, não somente ao Apãniekrá (Alves, 2007) e Txukuhamei (Stout & Thomson, 1974), mas também, ao Panará (Dourado, 2001).

Cayapó do Sul (hipótese Atual):

p	t	s	k	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
m̃	ñ	ɲ̃	ŋ̃	e	ə	o	ẽ	ã	õ
w	r	j	h?		a				

<sup>26</sup> Alves (2007) estabelece para o Apãniekrá que há uma série obstruinte, uma nasal e um pré-nasal.

## Panará (Dourado, 2001)

p	t	k	ʔ	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
	s		h	e	ə	o	ẽ	ã	õ
m	n			ɛ	a	ɔ			
w	r	j							

## Apãniekrá (Alves, 2007)

<u>mp</u>	<u>nt</u>	<u>ntf</u>	<u>ŋk</u>	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
p	t	tf	k	e	ə	o	ẽ		õ
m	n			ɛ	ɜ	ɔ		ã	
w	r	j	h		a				

## Kayapó-Txukuhamei (Stout &amp; Thomson, 1974)

p	t	c	k	ʔ	i	ĩ	u	ĩ	ĩ	ũ
b	d	ʃ	g		e	ə	o	ẽ	ẽ	õ
m	n	ɲ	ŋ		ɛ	ɜ	ɔ		ã	
w	r	j								

## Xavante (Quintino, 2000)

p	t		ʔ	i	ĩ	u	ĩ	õ
b	d			e	ə	o	ẽ	ẽ
	s			ɛ	a	ɔ		
	z		ɣ					
w	r	j						

Acrescenta-se ainda a proposta de Davis (1966) para o Proto-Jê, a partir de itens do Suyá, Apinajé (ramo setentrional), Xavante (ramo central) e Kaingang (ramo meridional). Em que as pré-nasais do Cayapó do Sul corresponderia aos proto-fonemas nasais, enquanto estaria reduzindo o sistema vocálico a sete consoantes, porém, mantendo o padrão quadrangular para as vogais nasais.

### Proto-Jê (Davis, 1966)

p	t	c	k	i	ĩ	u	ĩ	ĩ̃	ũ
m	n	ɲ	ŋ	e	ə	o	ẽ	ẽ̃	õ
w	r	j		ɛ	a	ɔ			

### Considerações finais

A proposta atual de sistema fonológico para o Panará não permite determinar, de forma conclusiva, a relação existente com os registros Cayapó do Sul, pois, apesar do quadro de vogais proposto em Dourado (1990, 2001) ser consistente com aqueles encontrados nas demais línguas Jê: nove vogais orais, distinguindo três alturas e seis vogais nasais, com duas alturas, os exemplos apresentados são não indicariam a distinção de altura entre as vogais orais, como podemos observar nos pares mínimos selecionados pela pesquisadora:

- (1) /ĩte/ 'fino'                      /ĩte/ 'perna'                      (Dourado, 1990, p. 44)  
 (2) /ĩko/ 'água'                      /ĩko/ 'molhado'                      (Dourado, 1990, p. 45).

Ou ainda, em variações como:

- (3) kari '2pl.erg' (Dourado, 2001, p. 28)    kare '2pl.erg' (Dourado, 2001, p. 102)  
 (4) pupo 'flecha' (Dourado, 2001, p. 23)    popo 'flechar' (Dourado, 2001, p. 66).

Quanto ao sistema consonantal, é preciso confirmar as oposições que estão aí operando. Dourado (1990) sugere que a oposição seja entre obstruintes e soantes<sup>27</sup>, contudo, sem esclarecimentos dos passos que utilizou para chegar a essa conclusão e lembrando que, no modelo teórico adotado pela pesquisadora, não há qualquer preocupação com traços ou oposições distintivos. Dourado (1990) conclui que as obstruintes [p, t, s, k] se realizam, facultativamente, como pré-nasalizadas [mp, nt, ns, ŋk] quando precedidas por vogal nasal.

<sup>27</sup> Nos termos da autora: 'sonorantes'.

O que se observa, no entanto, é que processos de nasalização não estariam restritos às obstruintes, pois em seus exemplos há diversos casos de nasalização de soantes. A ocorrência de nasalização de soantes é um indício de que as realizações pré-nasalizadas estejam relacionadas à série das soantes e não das obstruintes. Entre as soantes, a vogal nasal nasaliza tanto à direita (a coda ou o ataque silábico da sílaba seguinte) quanto à esquerda (nasalização de ataque silábico a partir da vogal núcleo), o que não ocorre com as obstruintes.

#### Nasalização de soantes<sup>28</sup>:

[kĩĩ]	/kĩĩy/	‘pedra’	(Dourado, 1990, p. 15)
[ĩĩpi'ə]	/yĩpi'ə/	‘primo’	(Dourado, 1990, p. 41)
[kaĩđ'pã]	/kayđ'pã/	‘teu filho’	(Dourado, 1990, p. 52)
kič̣ni ~ kič̣eri ~ kič̣ni		‘furado’	(Dourado, 2001, p. 237)
panãra ~ parãra ~ pañãra		‘panará’	(Dourado, 2001, p. 237)
kan ~ kar <sup>29</sup>		‘cesta’	(Dourado, 2001, p. 28 e 48)
rãprə ~ nãprə		‘vermelho’	(Dourado, 2001, p. 36 e 103)

#### Obstruintes + vogal nasal

[sũpi'ə] ~ [sũpi'ʌ]		‘pai (voc.)’	(Dourado, 1990, p. 27)
[su'tĩ]	/su'tĩ/	‘pesado’	(Dourado, 1990, p. 15 e 48)
[sa'sĩ] ~ [fa'fĩ]		‘nariz’	(Dourado, 1990, p. 27)
[səi'kãũ]	/say'kõw/	‘fumaça’	(Dourado, 1990, p. 18 e 40)

O que se sugere é que as pré-nasalizadas do Panará não sejam alofones das obstruintes, mas sim pertencentes à série das soantes. Neste caso, o processo de espalhamento de nasalidade, caso esteja corretamente descrito, estaria restrito às classes das soantes. Neste caso, o status de /m, n/ como fonemas é questionado, pois a sua realização pode ser meramente fonética: consoantes subjacentemente pré-nasalizadas que se realizam completamente nasal quando

<sup>28</sup> É mantido o alfabeto fonético utilizado pela pesquisadora.

<sup>29</sup> Ainda kaŋ (p. 237).

diante de vogal nasal, tal como a atual proposta para o Cayapó do Sul. Os exemplos a seguir apresentam itens com obstruintes ‘puras’ e uma hipótese possível de fonemas pré-nasalizados.<sup>30</sup>

[hi'pẽ]	‘estrangeiro’	/hi'pẽ/	[a'kamã]	‘de dia’	< /a.ka.m̃pã/
[kre'tõ]	‘nome de homem’	/kre'tõ/	[kre'nõ]	‘raso’	< /kre.ñtõ/

Neste caso, qual a oposição do sistema consonantal do Panará, seria realmente como apontou Dourado (1990) entre obstruintes e soantes ou se poderia ser, por exemplo, oral/nasal (cf. Piggot, 1992, D'Angelis, 1998). Estabelecer essa oposição é um ponto crucial para a análise da relação linguística existente entre o Cayapó do Sul e o Panará. Por ora, essa é ainda apenas uma boa (embora, a melhor) hipótese.

### Referências bibliográficas

- Alves, F. C. 2004. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua Jê*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Alves, F. C. 2007. Sistema fonológico do Timbira Apãniekrá (Fonemas, sílaba e acento), em: Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. C. (orgs.) 2007. *Línguas e Culturas Macro-Jê*. (1ª Ed., pp. 45-55) Brasília: Editora UnB, p. 45-55.
- Barbosa, A. S. 1918. *Cayapó e panará*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB.
- Câmara Jr., J. M. 1959. Alguns Radicais Jê, em: *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 28.
- Davis, I. 1966. “Comparative Jê phonology”. *Estudos Linguísticos* v. 1, n. 2, p. 10-24.
- Dourado, L. 1990. *Estudo preliminar da fonêmica Panará*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- Dourado, L. 2001. *Aspectos Morfossintáticos da Língua Panará (Jê)*. Tese



- (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Dourado, L. 2004. “As vicissitudes do povo Panará e sua Língua”. *Atas do II Encontro Nacional do Gelco: integração lingüística, étnica e social*, p. 173-178.
- Ehrenreich, P. 1894. Materialien Zur Sprachekunde Brasiliens. *Zeitschrift für Ethnologie*, n. 26, p. 115-137.
- Giraldin, O. 1997 *Cayapó e Panará: luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil central*. Campinas: Educamp.
- Giraldin, O. 2000. Renascendo das cinzas. Um histórico da presença Cayapó-Panará em Goiás e no Triângulo Mineiro. *Sociedade e Cultura*, v. 3, n.1 e 2, p 161-184, jan/dez.
- Hall, J.; McLeod R. A.; Mitchell V. 1987. *Pequeno dicionário Xavante-Português*. Cuiabá: SIL. Disponível em <<http://www.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/XVDict.pdf>>. Acesso em: 02 mar. 2012.
- Heelas, R. 1979. *The social organization of the Panara, a Ge tribe of Central Brazil*. Thesis (Ph.D.). University of Oxford.
- Kupfer. 1870. Die Cayapo-Indianer in der Porvinz Matto-Grosso. *Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, n. 5, pp. 244-254.
- Lemos da Silva, J. 1882. *Os índios Cayapós*. Manuscrito disponível no Arquivo do IHGB.
- Martius, C. F. P. v. 1867. *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen [Glossarium linguarum Brasiliensium]: Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallao os Índios no imperio do Brazil*. Leipzig, 548p.
- Ofício do [governador e Capitão-Geral de Goiás] Luís da Cunha Meneses, ao [secretário de estado da Marinha e Ultramar], Martinho de Melo e Castro, sobre a Civilização dos índios Caiapó; o sucesso do aldeamento da dita nação; a criação da Aldeia Maria I, e enviando plantas e estampas da dita aldeia. 18 dez. 1782. Manuscrito. CD-ROM. Projeto Resgate de Documentação Histórica “Barão de Rio Branco”. Disponível no Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas.

- Pickering, W. A. 2010. *A Fonologia Xavante: uma revisão*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Pohl, J. E. 1832. *Reise im Innern von Brasilien: Auf allerhoehsten befehl seiner majestat des kaisers von osterreich, franz des ersten*. Wien: A Strauss's Sel Witwe & J B Wallishauser.
- Pohl, J. E. 1951. *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Austria Francisco Primeiro*. Tradução de Teodoro Cabral. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, Parte I.
- Quintino, W. P. 2000. *Aspecto da Fonologia Xavante*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Rodrigues, A. D. Macro-Jê. 1999. Em Dixon, R.M.W.; Aikhenvald, A.Y. (orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p.164-206.
- Rodrigues, A. D.; Dourado, L. 1993. Panará: Identificação Lingüística dos Kren-Akarore com os Cayapó do Sul. *Anais da 45ª Reunião Annual da SBPC*. Recife-PE, p. 505.
- Salanova, A. P. 2001. *A nasalidade em Mebengokere e Apinajé: o limite do vozeamento soante*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Saint-Hilaire, A. de. 1848. *Voyage aux sources du Rio de S. Francisco et dans la province de Goyaz II*. Paris: a. Bertrand.
- Saint-Hilaire, A. de. 1975. *Viagem à Província de Goiás*. Trad. Regina R. Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- Schwartzman, S. 1988. *The Panara of the Xingu National Park: the transformation of a society*. Thesis (Ph.D.). University of Chicago.
- Stout, M., Thomson, R. Fonêmica Txukuhamei (Kayapó). 1974. *Série Lingüística*, n.3, p. 153-176. Disponível em < <http://www.sil.org/americas/brasil/SILapub.html>>. Acesso: 02 mar. 2012.
- Vasconcelos, E. A. 2012. Cayapó do Sul: Un Analisis de retazos. *Lengua y Literatura Mapuche*, n. 15, p. 57-73.